

Pessoas aprendem de formas diferentes. Essas diferenças são um reflexo dos diferentes estilos de aprendizagem e, conseqüentemente, das diferenças de personalidade de cada um.

Os cadernos, blocos de notas e livros de cada estudante refletem essas diferenças. Uma página repleta de notas explicativas e desenhos ilustrativos se contrapõe a outras que podem, após um longo período, permanecerem imaculadas, completamente limpas, sem uma única observação escrita.

Em se tratando de notas e observações, essas formas de se registrar observações que posteriormente contribuirão para a fixação de conteúdos estudados, se distinguem sobremaneira quando nos referimos a aprendizes de uma língua oral ou de uma língua viso-espacial como é o caso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Estratégias para a fixação de vocabulário de língua oral (LO) e de língua viso-espacial (LVE)

Quando ainda em sala de aula, professores e alunos podem, a qualquer momento, revisar vocabulário, informações e explicações previamente discutidas. Ao término da aula, aprendizes ouvintes de outras línguas orais poderão recorrer à sua própria língua (ou a língua alvo) para registrar notas explicativas que os ajudem a revisar informações da aula. Na maioria das vezes, essas notas são traduções e/ou registros de sinônimos, como retratado na primeira imagem que aparece na introdução deste artigo.

O foco deste trabalho está na percepção das diferenças individuais de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. Quem são os aprendizes e quais as suas características. Como sabemos, diferentes aprendizes têm diferentes ritmos para aprender uma língua; há diferenças na forma como aprendem, nas estratégias que utilizam e naquilo que os motiva (ver ELLIS, 1994).

No caso da LVe, a necessidade primeira do aprendiz é a de recuperar o sinal-termo¹ de cada palavra (vocabulário aprendido); e este sinal-termo compõe-se de parâmetros articulatórios que o caracterizam e o distinguem de outros sinais da língua. Esses parâmetros serão apresentados a seguir.

Características das línguas de sinais

As línguas de sinais, ao contrário do que muitos acreditam, não são universais. Possuem características e semelhanças entre si, são da mesma modalidade, usam **Classificadores**² que são elementos gramaticais para descrição de tamanho, forma, textura ou até mesmo de ações acompanhadas como verbos de concordância. Nos Estados Unidos os surdos “falam” a Língua Americana de Sinais – ASL, na França, a Língua Francesa de Sinais, no Japão, a Língua Japonesa de Sinais e no Brasil a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Podemos dizer que o que é universal é o impulso dos indivíduos para a comunicação e, no caso dos surdos, este impulso é sinalizado.

Nesta questão sobre universalidade, está também implícita uma tendência, por parte dos ouvintes, a simplificar a riqueza linguística das línguas de sinais, sugerindo que talvez para os surdos fosse mais fácil se todos usassem uma língua única, uniforme. O paralelo é inevitável: e no caso de nossa língua portuguesa, essa perspectiva se mantém? Seria possível a existência, nos cinco continentes, de uma língua que, além de única, permanecesse sempre a mesma? (GESSER, 2009).

A fonologia é o ramo da linguística que estuda os fonemas de uma língua levando em conta sua capacidade distintiva, tomando-os como unidades sonoras capazes de gerar

¹ ‘Sinal-termo’ é o termo em libras que compõe o léxico da língua, podendo ser específico, ou seja, relacionado a uma área específica do conhecimento, ou de uso geral, lexical da língua de sinais brasileira. O uso de ‘termo’ é para que o leitor consiga identificar e associar termos em línguas de sinais assim como é feito nas línguas orais. Esta terminologia é sugerida por Messias Costa e Enilde Faulstich (2012).

² Classificadores representam a relação entre significação-função em um dado contexto dentro do sistema de uma determinada língua, como escreve Dubois *et alli* (*apud* FELIPE, 2002): Chama-se classificador um afixo utilizado, em particular nas línguas negro-africanas, para indicar a que classe nominal pertence uma palavra (sin.: índice de classe).

diferenças de significados, i.e, o objeto de estudo da fonologia é o fonema. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a principal tarefa da fonologia, no que concerne às línguas de sinais, é determinar quais unidades mínimas formam os sinais. A segunda tarefa consiste em estabelecer padrões possíveis de combinação entre unidades e variações no ambiente fonológico.

A língua de sinais brasileira – LIBRAS – possui cinco parâmetros fonológicos, a saber:

Configuração das mãos (CM): são as formas das mãos e que podem ser da dactilologia (alfabeto manual) ou demais formas feitas manualmente;

Locação ou Ponto de Articulação (PA) – lugar onde incide a mão configurada, podendo, até mesmo, tocar parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical.

Movimento (M) – os sinais podem ter movimentos ou não, para indicar a sua informação;

Orientação/direcionalidade (Or) – os sinais possuem uma direção, relacionados com os demais parâmetros, partindo do falante em direção ao seu interlocutor ou terceiros, deslocar-se de cima para baixo etc;

Expressão não-manual (ENM) – também conhecida como expressão facial, extremamente importante para a compreensão da mensagem, pois serve como diferenciador, atuando como complemento dos sinais manuais, a fim de se ter maior entendimento da informação a ser passada, além de indicar níveis de intensidade.



1 Os cinco parâmetros fonológicos da Libras (Bento, 2010)

No que se refere à Localização, especificamente, o espaço de realização dos sinais é considerado finito (FERREIRA-BRITO, 1990). A partir desse espaço de enunciação, é que se pode determinar um número finito de pontos, que são os PA (Ponto de Articulação). Karnopp (1994; 1999) e Quadros (2008) afirmam que na realização dos sinais da Libras, envolvemos praticamente todo o corpo, o que gera vários pontos de articulação, como: tronco (pescoço, ombro, cintura, estômago); cabeça (rosto, testa, orelha, nariz, boca, olhos, sobrancelhas, bochechas) e mão (dedos, dorso, palma). Associado ao Movimento, este parâmetro estará representado na maioria das notas explicativas dos aprendizes. No caso da CM e da Or, as imagens, de modo geral, são bastante claras. Quanto à ENM, não se evidencia nas imagens.

Body Language ou linguagem corporal

A linguagem corporal é uma habilidade física e mental que faz parte da comunicação não verbal de nós seres humanos.

A linguagem corporal é constituída de: postura, gestos, expressão facial e movimento dos olhos. Estudos como os desenvolvidos por Borg (2010) apontam que a comunicação humana consiste de 93% de linguagem corporal e paralinguística e, obviamente,

te, os restantes 7% se referem ao uso de palavras. Engleberg (2006), na mesma linha, assegura que o “comportamento não verbal” veicula cerca de 70% de todo o significado na comunicação.

A linguagem corporal de uma pessoa dá indicações de sua atitude, estado mental, sentimentos; ela consegue indicar agressividade, atenção, tédio, prazer entre tantos outros.

Descrição do movimento

Um dos parâmetros da Libras é o movimento, e é de suma importância saber fazer a leitura e a interpretação dele. O movimento dá vida e intensidade ao sinal-termo, por essa razão a importância de saber executar um sinal já que a diferença de um movimento poderá alterar todo o seu sentido.

Para que haja o parâmetro fonológico Movimento, é necessário haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a mão do enunciador representa o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza é a área em torno do enunciador. O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde o movimento interno das mãos, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço.



TRABALHAR



VÍDEO

2 Sinal de ‘trabalhar’ e ‘vídeo’ (Quadros e Karnopp, 2004).

Os dados analisados neste trabalho revelam que é no momento de registrar a descrição do movimento do sinal que os aprendizes mais recorrem às notas explicativas e observações. Vejamos a análise dos dados a seguir.

Análise dos dados

Ao analisar as notas explicativas e observações feitas por quatro alunos do Curso Básico de Libras “LIBRAS – O idioma que se vê”, atividade extensionista da UESB, no ano de 2012, observou-se, primeiramente, as formas diferenciadas como cada um dos quatro alunos registram suas notas no módulo didático do curso. Essas notas, como já foi citado anteriormente, auxiliam os alunos a lembrar explicações feitas pelo professor em sala bem como os auxiliam na revisão dos sinais estudados; precisam, portanto, indicar os parâmetros articulatórios essenciais (que a imagem do movimento não consiga transmitir) para que possam se recordar, *a posteriori*, de como o sinal é produzido.

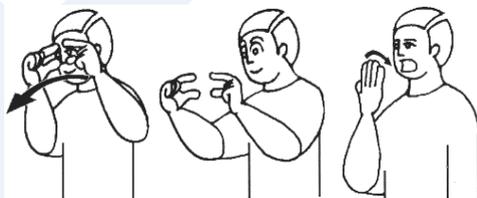
A seguir, cada imagem do vocabulário selecionado será mostrada juntamente com as notas dos quatro alunos. A escolha dos quatro módulos do curso foi feita a partir da indicação do professor da turma, ao observar, durante as aulas, aqueles alunos que constantemente registravam observações e notas explicativas em seus módulos. De posse dos quatro módulos, observaram-se os itens de vocabulários em que pelo menos três dos respectivos alunos tenham registrado anotações.

É importante ressaltar que as notas dos alunos foram copiadas na íntegra sem a preocupação de revisão linguística, preservando-se, assim, a maneira informal e personalizada como os registros foram feitos. Cada aluno será identificado por uma letra, a saber: J, K, R e V. Os achados serão apresentados a seguir. As notas que aparecem sublinhadas revelam uma estratégia, dos aprendizes, de ampliação do vocabulário a partir do sinal sendo aprendido. Voltaremos a falar sobre isso um pouco mais à frente neste texto.

Observe-se que as imagens dos sinais trazem a perspectiva do movimento, daí a duplicidade e repetição das mesmas.

1. GULOSO

- J Sinal mais infantil
(Olho grande= Sinal de *heavy metal* passando no olho direito)
Interesse= C com 2 dedos, avança (ampliação do vocabulário)
- K *Heavy metal* passando no olho.
- R -----
- V Sinal de *heavy metal* passando no olho indo para a bochecha.



3 Sinal de 'gulos' (Capovilla & Raphael, 2001).

2. IRRITADO

- J Indicador raspando sobre antebraço
4 dedos raspando sobre antebraço (muito irritado)
Indica movim. do sangue subir de vez.
- K muito irritado usa 4 dedos
- R 1 dedo sobe e desce
4 dedos muito nervoso
- V Um dedo nervoso
4 dedos muito nervoso
O dedo subindo irritado



4 Sinal de 'irritado' (Capovilla & Raphael, 2001).

Nestas primeiras notas já se verificam semelhanças e diferenças nos registros. A referência que cada um dos aprendizes faz do próprio corpo e o volume lexical nas notas comprovam isso. Além disso, observam-se as notas indicativas de ampliação do vocabulário aprendido, as quais aparecem sublinhadas nesta análise. A ampliação do vocabulário se dá quando o aprendiz faz uso das informações sobre um sinal para lembrá-lo como formar um segundo sinal que, de modo genérico, tratam-se de sinônimos ou palavras correlatas.

3. TEIMOSO

J	<u>/perseverante</u>
K	-----
R	Abana como fedor. Perseverante (Não?)
V	tipo abanando em frente o nariz(?) (Perseverante)

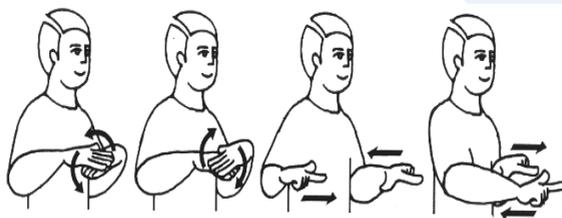


5 Sinal de 'teimoso' (Capovilla & Raphael, 2001).

No que se refere às diferenças, não se pode afirmar que uma nota mais extensa e rica em detalhes seja feita por alguém que tem mais dificuldade de compreensão, fixação ou memorização do vocabulário. Da mesma maneira, não se pode garantir que as notas curtas coincidam com uma maior qualidade de memória ou facilidade em apreender o conteúdo. As particularidades de cada nota são reveladoras da subjetividade dos aprendizes e de como eles visualizam e entendem o sinal-termo. Esta subjetividade é, aqui, entendida como uma dimensão do sujeito, o seu espaço íntimo e das suas opiniões e julgamentos sobre as coisas que o cercam. Todas as notas para 3 TEIMOSO foram curtas. Isto é uma evidência de que os quatro aprendizes aprenderam a fazer o sinal facilmente, sem dificuldades? Ou trata-se de um sinal “fácil”? Vejamos os próximos registros.

4. PROFISSAO

- J Prática profissional + trabalho
Profissional= Mão em 1 gira sobre mão em S → já é de competência
- K prática + trabalho
- R Profissional = legal (mão em 1) esfrega no dorso da outra mão (? na função)
- V só esse profissional prática + profissional
 Esse aqui já é de competição legal passando no dorso da mão em S →
 profissional



6 Sinal de 'profissão' (Capovilla & Raphael, 2001).

5. CANTOR

J ouvinte

Cantor Libras= mãos em garra girando na frente do rosto.

Cantor religioso= mãos em C em movimento do pendulo.

K Cantor em Libras: mãos em garra girando em torno da boca. – ouvinte

R Cantor Libras garra passando em circulo 2 mãos na frente da boca.

V a mão em garra girando na boca surdo

cantor religioso tipo comunicação vai e vem devagar. – ouvinte



7 Sinal de 'cantor' (Capovilla & Raphael, 2001).

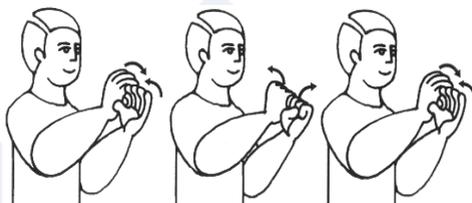
Na revelação da porção particular dos quatro aprendizes, fica evidente que através da nossa subjetividade construímos um espaço relacional e nós (mundo interior) e o espaço à nossa volta, o outro (mundo exterior). Isso é o que determina a opção de J, no sinal 4 PROFISSÃO, ao detalhar o movimento para a configuração do sinal de 'profissão' com "Prática profissional", destacando-se a referência a "profissional", e de K ter recorrido exclusivamente à observação de que deve-se fazer o sinal de 'prática' seguido do sinal de 'trabalho'. Outra evidência aparece no sinal seguinte, 5 CANTOR, em que J e V acrescentam nota sobre a configuração do sinal de "cantor religioso" e K e R não.

6. CONTADOR

J / Somar

= somar dinheiro

- K “C” e fecha as mãos
 = somar
- R 2 C um contra o outro. Fecha em S como ?
- V movimento de abre e fecha.



8 Sinal de ‘contador’ (Capovilla & Raphael, 2001).

7. INTELIGENTE

- J Pontas dos dedos tocam na testa
- K 5 direto
- R 5 tirando o chapéu
- V Sempre do lado



9 Sinal de ‘inteligente’ (Capovilla & Raphael, 2001).

Nesta sequência, 6 CONTADOR e 7 INTELIGENTE trazem notas curtas e objetivas. Mais vez, o que faz J ter a necessidade de especificar “somar dinheiro” enquanto os demais aprendizes não o fizeram. Percebe-se também que a nota de R em 6 revela uma apreensão de vocabulário ao evidenciar a compreensão do movimento de fechar em S,

não presente nas notas que fazem referência apenas ao movimento de abrir e fechar as mãos. Isto nos revela que apenas um aprendiz fixou o sinal de S ou que, simplesmente, os demais não viram a necessidade de chamar a atenção para o sinal que já é claro na imagem?

Até aqui, percebe-se que a extensão das notas está diretamente relacionada à complexidade do sinal. Os registros em 5. CANTOR, 6. CONTADOR E 7. INTELIGENTE indicam a expansão lexical (associado ao novo sinal aprendido) ou apenas notas curtas, pois a imagem ilustrativa do sinal já é bastante clara. O sinal para MOLHADO não está disponível no dicionário ilustrado utilizado como referência. Contudo, configura-se um sinal simples cujas notas curtas a seguir trazem imediatamente a memória do aluno sua realização espacial.

8. MOLHADO

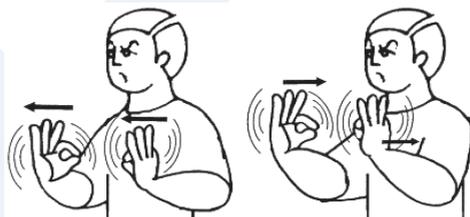
- J Sinal de água + torce pano de chão.
- K água + torce pano
- R Sinal= água + torce o pano em S.
- V Sinal de água e depois torce

Algo interessante a se destacar também é que muitas notas são apoiadas no vocabulário já aprendido em sala pelos alunos. Para 8. MOLHADO, o conhecimento do sinal para 'água' pelos quatro aprendizes é evidente, pois, não há registro de nota que lhes lembre como esse sinal é configurado.

9. HORRIVEL

- J SP
BA Mão aberta em 5 dedos, passa faixa do peito para o ombro.
Sinal de OK, toca no lábio inferior e solta.
- K São Paulo

- NE= Mão aberta da barriga p/ o ombro.
- R Movimento p/ frente
Mão aberta polegar na barriga risca para ombro (faixa)
- V Mão aberta da barriga p/ o peito
Sinal de OK toca na boca joga pra frente.



10 Sinal de 'horível' (Capovilla & Raphael, 2001).

10. INGÊNUO

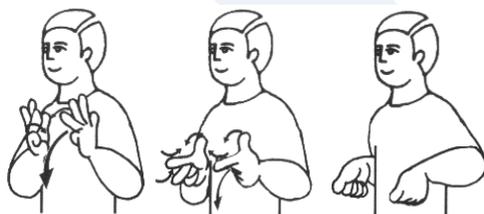
- J Também com O na testa OU O do OK na testa – Adj. tem concordância
- Nota: Vagina= c/ O em forma estirada.
- K Ou zero na testa com concordância
- R Com concordância
Solta a frente do rosto
Passa traço na testa
(desenho) Zero na testa (com a ponta p/ baixo e vagina)
- V zero na testa ou OK passando na testa que e o sínico com concordância.



11 Sinal de 'ingênuo' (Capovilla & Raphael, 2001).

11. LIMPO

- J Começa c 5 dedos abertos, desce e acaba em A.
 Limpo, sem culpa, isento, sem droga, álcool. Mãos em L passa na frente do corpo.
- K -----
- R Outro limpo é em L.
 Começa com 5 dedos no peito e vai fechando com A (Higiene)
- V Mão aberta se fechando em A (Higiene)
 Mão em L passando o tronco (tipo me deixe fora eu to limpo)



12 Sinal de 'limpo' (Capovilla & Raphael, 2001).

Estas notas indicam que o aluno R faz seus registros com maiores detalhes do que os demais. A nota para o sinal de 7. MOLHADO mostra que apenas ele indica a configuração em S quando se indica a ação “torce o pano”. À medida que a análise avança, percebe-se que as notas individuais são indicadoras de traços de personalidade, diferenças de estilos de aprendizagem e estratégias de fixação de vocabulário. Enquanto alguns alunos

não fazem nota alguma, ou fazem notas curtas, outros fazem registros detalhados que lhes possam lhes dar o máximo de informações que lhes permitam lembrar como o sinal é realizado.

Sendo corpo e consciência, ao mesmo tempo, o sujeito é objetividade (pois é corpo) e subjetividade (pois é consciência), não podendo ser reduzido a nenhuma destas duas dimensões. O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto linguístico (ver mais em MAHEIRIE, 2002).

12. USADO

- J Usar + velho p coisas
A mão raspa o queixo.
- K -----
- R Velho bate o “copo” no queixo
Usado objeto raspa “copo” no queixo
- V essa mão raspa o queixo ‘e p/ coisa

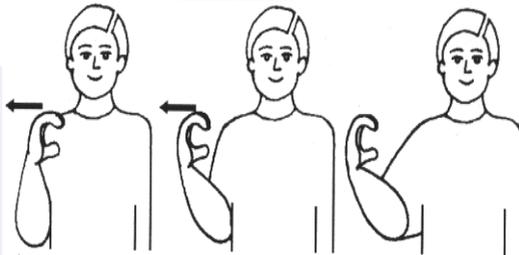


13 Sinal de ‘usado’ (Capovilla & Raphael, 2001).

13. COORDENADOR

- J Mao em C dedão toca no peito e move p/ a frente
- K “C” toca peito e vai pra frente

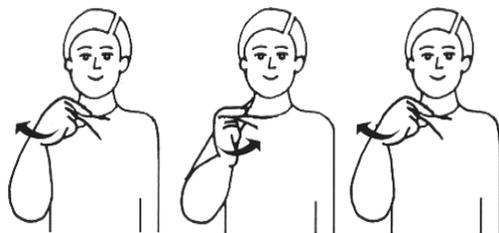
- R C toca polegar no peito e vai direto p/ frente
ou
C no peito vira D na frente
- V o C bate no peito e vai p/ frente



14 Sinal de 'coordenador' (Capovilla & Raphael, 2001).

14. DETETIVE

- J Este é o movimento p/ voluntário
Pega borda do sobretudo abre e mostra o distintivo
- K puxa a camisa e mostra o distintivo
- R Puxa a camisa com ponta dos dedos.
Gira e solta.
Mostra distintivo e coloca no lugar
- V mostra o distintivo e esconde
sacudindo a blusa é voluntário



15 Sinal de 'detetive' (Capovilla & Raphael, 2001).

15. KOMBI

- J carro + sinal de W Volkswagen
 K van = Mão em W batendo na mão em O (Volkswagen)
 Perua = van = lobo várias vezes
 R carro Volkswagen / Bahia
 Perua = lobo várias vezes (vai e vem)
 Três dedos batendo no copo
 V ----



16 Sinal de 'kombi' (Capovilla & Raphael, 2001).

As notas dos alunos, em sua maioria, partem de uma base fonológica, aliada ao uso de sinais-termos já aprendidos por eles em sala. As características das unidades mínimas das línguas faladas são de natureza acústico-sonora. Um som é considerado fonêmico nas línguas orais quando sua substituição em um item lexical causa uma mudança de significado: [‘fala], [‘faka]. Nas línguas de sinais, as características das unidades mínimas

dos sinais são espaciais. Dessa forma, os fonemas da Língua Brasileira de Sinais são estruturados simultaneamente no espaço de sinalização, assim, as unidades mínimas das línguas sinalizadas se organizam a partir dos parâmetros fonológicos de Configuração de mãos – CM, Ponto de articulação – PA, Movimento – M, Orientação – O, Expressão não-manual – ENM. Logo, a principal diferença estabelecida entre as línguas orais e as de sinais é a presença linear entre os fonemas das línguas orais e a ausência nas línguas de sinais, pois os fonemas das línguas viso-espaciais são articulados simultaneamente e sequencialmente.

Considerações finais

A análise tem apontado, até o momento, para a existência de diferentes estilos de aprendizagem, traços distintos de personalidade e diferentes níveis de abstração na Língua Brasileira de Sinais. Além disso, evidenciam a subjetividade de cada aprendiz selecionado, a qual se expressa nas notas individuais. A simples opção pelos termos “vai e vem” contrapondo-se a “movimento de pêndulo” para indicar um movimento oscilante deixa claro como os registros das notas dos aprendizes estão impregnados de suas experiências, vivências, conhecimento; recordem-se da recorrência do termo *heavy metal* nas descrições de 1 GULOSO.

Outro dado importante está relacionado ao recurso da língua portuguesa para registro das notas. Este fato revela o não uso, por parte dos alunos, do sistema de escrita de Língua de Sinais - *SignWriting*, afim de estudar e relembrar seus registros.

O *SignWriting* (disponível em www.signwriting.org) é uma escrita visual direta através da qual é possível ler e escrever as línguas de sinais sem a necessidade de uma descrição subjetiva em língua oral. As características tridimensionais das línguas de sinais são preservadas neste sistema, pois este faz o registro preciso de seus parâmetros fonológicos. O não domínio dessa escrita de sinais pelos alunos aprendizes de Libras é apontado como um obstáculo para a recuperação da informação guardada na memória (SILVA, 2009). As notas dos aprendizes nesta análise mostram que os mesmos recorrem a essa

descrição subjetiva usando a modalidade escrita de uma língua oral. Qualquer mudança desta realidade só ocorrerá com o acesso, estudo e divulgação ampla do *SignWriting* em contextos de ensino/aprendizagem de Libras. Mas esta é outra discussão.

Quando somos impulsionados a aprender sinais, os cursos de Libras na universidade funcionam como contextos potenciais para encontrar esse outro, nessa língua outra, alheia, estrangeira, e num mosaico de identidades e alteridades acabamos (re)descobrimo muito mais sobre nós mesmos (GESSER, 2012). Ao experimentar e refletir sobre as experiências singulares que se fazem com e na língua de sinais, sobre o que cada um de nós tem a ver com ela, e quais são nossas esferas de atuação com essa língua, passaremos a contribuir para um processo de transformações sociais e aprenderemos, assim, a transitar com mais desenvoltura, naturalidade e autonomia na relação com os surdos e, com efeito, na relação deles com nós ouvintes, numa relação intercultural que tem sido historicamente marcada, infelizmente, por mútuo desconhecimento.

A continuidade deste estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão do que vem a ser estudar e aprender uma língua viso-espacial quando carregamos em nossa bagagem memórias de experiências de aprender outras línguas, sim, mas línguas orais assim como a nossa língua materna, o português.

E ainda, esta análise nos desperta a curiosidade sobre a personalidade de cada aprendiz revelada em suas notas, na forma como fazem uso das palavras e nas suas escolhas lexicais. Como este é um estudo em andamento, os dados até aqui levantados ajudam, também, a definir quais abordagens teóricas este trabalho ainda tem que explorar, permitindo, assim, o aprofundamento teórico e metodológico desta pesquisa.

Description of *body language* and the learning of Libras

ABSTRACT:

People learn in different ways. Their notebooks, notes and books reflect their learning styles and personalities. The students' notes, which will help them study the content after class, are considerably different when you are taking into account learners of an oral language and learners of a visuospatial one, as the Brazilian sign language Libras. This paper shows an analysis of four students' study notes from a Libras course offered to hearing learners at UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brazil, in 2012. The notes help

the students review the information, instructions and explanations given by the teacher during the course classes. For the vocabulary review of a visuospatial language, the learner needs to retrieve all the information about each signal formation. With this in mind, this study aims to analyze the way the four selected students describe the signals formation taking into account their five articulation patterns.

KEY WORDS: Body language; Description of the movement; The learning of Libras.

Referências

BENTO, Nanci Araújo. *Os cinco parâmetros fonológicos*. Folder explicativo na apresentação da disciplina Let 594 – Psicolinguística Aplicada ao Português I. Universidade Federal da Bahia, 2008. Não publicado.

BORG, James. *Body Language: 7 Easy Lessons to Master the Silent Language*. US: FT Press, 2010.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Vol. 2. São Paulo: Edusp, 2001.

ENGLEBERG, Isa N. *Working in groups: Communication Principles and Strategies*. My Communication Kit Series. 2006

ELLIS, Rod. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FELIPE, Tanya Amaral. *Introdução à Gramática da LIBRAS*. Atualidades Pedagógicas. Brasília: MEC/SEESP, 2000. Disponível em http://www.ines.gov.ines_livros/37/37_PRINCIPAL.HTM

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço: INES*, São Paulo: INES, ano 1, nº 1, p. 20-43, 1990.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição do parâmetro*. Configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. 1994. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1994

_____. *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais*: estudo longitudinal de uma criança surda. 1999. 274 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MAHEIRIE, Katia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*, LOCAL: EDITORA Universidade São Marcos, vol. VII, n. 13, p. 31-44, jan./jun.

2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401303>> ISSN 1413-2907. Acesso em 20 de abril de 2014.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. (Org.). *Estudos Surdos III*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

SILVA, Fábio Irineu da. *Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: SignWriting*. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

*Recebido em 15/01/2014.
Aprovado em 30/04/2014.*